

UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO FUNCIONAL COM OBJETIVOS DIDÁTICOS: a articulação de orações hipotáticas adverbiais temporais.

¹NEVES, Zenalda Viana.

²CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina.

Resumo:

Esta pesquisa pretende analisar como os pesquisadores, na perspectiva funcionalista, abordam e descrevem em suas teses e dissertações as orações hipotáticas adverbiais temporais e, a partir disso, propor sugestões didáticas para que o professor ensine as orações de forma significativa. A escola, que é uma instituição formadora de cidadãos críticos por meio do conhecimento sistematizado, deve apropriar-se de instrumentos que trabalhem, não apenas as habilidades de leitura e escrita, mas a reflexão dos conteúdos propostos, ideia que se coaduna ao aparato teórico funcionalista e aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998, p. 32), segundo os quais “[e]spera-se que o estudante amplie o domínio do discurso nas diversas situações comunicativas”. Por isso, enfatiza-se neste trabalho, o estudo das orações hipotáticas adverbiais temporais, que fuja à Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), a qual propõe uma análise mecânica das orações, não contemplando um estudo integrado dos componentes sintáticos, semânticos e pragmáticos, e uma das consequências dessa opção é fazer que os alunos, por sua vez, criem resistência em compreendê-las. Em virtude disso, vê-se que as orações, especificamente as hipotáticas adverbiais temporais, podem estabelecer várias interpretações ainda que rotuladas como temporais ou outro valor semântico em determinada frase. O estudo terá como aporte teórico os pressupostos da Linguística Funcional, e em especial as propostas de Neves (2008), Antunes (2011) e Marcuschi (2001). Depois da análise dos documentos bibliográficos, e dos estudos teóricos de base funcionalista, a dissertação será desenvolvida com objetivos didáticos que ofereçam uma opção metodológica intervencionista para aprimorar o ensino das orações hipotáticas adverbiais temporais.

Palavras-chave: Ensino; Orações; Sequência Didática.

1. Introdução

A linguagem está naturalmente exposta às mudanças, seja pela evolução histórica, seja pela adaptação que os falantes fazem na escrita por meio da oralidade. As comunidades se distinguem e fazem uso da sua própria língua vernácula, por isso é

¹Mestranda em Estudos Linguísticos pela UFG/Universidade Federal de Goiás - Programa de Pós Graduação.

² Professora Doutora de Língua Portuguesa e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás.

evidente a heterogeneidade da língua inerentemente variável, mas isso não permite que qualquer mudança seja bem aceita. Isto está de acordo com o funcionalismo que busca entender a instrumentalidade da linguagem inserida nas situações sociais como uma atividade cooperativa estruturada.

E isso que é o caminho para atingir a finalidade do papel da escola, criar oportunidades para o aluno obter um bom desempenho linguístico. Ninguém precisa dominar o sistema lingüístico para depois ser falante de sua língua, a gramática escolar precisa ter como foco a ligação entre esquemas cognitivos e capacidade de enunciação, em todos os seus ângulos e com base em muita reflexão. Com isso, o estudo da gramática, especificamente das orações tratadas de forma prototípica, deixa de ter prioridade e dá lugar a um estudo em que o contexto é relevante e considera vários elementos de cada gênero textual da língua, obtendo assim, uma maior compreensão do funcionamento da linguagem visando à ampliação da competência comunicativa dos alunos.

A prática do uso da língua implica, por parte dos falantes, a consciência de que existe uma norma a ser seguida, a linguística e a disciplina gramatical escolar devem andar juntas, é evidente que renovações no ensino se deve a teoria linguística, e que a gramática escolar deve produzir reflexões sobre a linguagem, com o objetivo de melhorar o desempenho linguístico dos alunos em sintonia com os contextos reais de uso. Tendo como auxílio a gramática, mas não como um sistema linguístico repugnante, mas como uma norma-padrão que pode ser trabalhada a favor do êxito no exercício da linguagem.

O estudo funcional considera a língua como uma entidade não suficiente em si, Neves (2008), para os funcionalistas a língua é vista como um processo dinâmico vinculado aos contextos reais de uso. Busca-se um ensino voltado para um estudo mais amplo que considera a estrutura e o processo de construção textual, longe de uma visão puramente normativa, por isso, entendemos que há a necessidade de um estudo funcional que contemple a realidade linguística e observe efetivamente a intencionalidade dos usos das orações que são movidas pelo contexto situacional de acordo com a orientação argumentativa que o usuário da língua deseja utilizar em seu discurso.

Partindo dos pressupostos mencionados acima, esta investigação tem como foco de análise os documentos bibliográficos dos pesquisadores que abordam e descrevem em suas teses e dissertações o ensino das orações hipotáticas adverbiais temporais, na

perspectiva funcionalista e, a partir disso, propor uma sequência didática para que os professores transmitam os conhecimentos acerca das orações hipotáticas adverbiais temporais de forma significativa, visto que o ensino da língua em funcionamento tem trazido maiores resultados para que o estudante possa interpretar e produzir textos de forma eficaz. Assim, além dos objetivos que serão explicitados posteriormente, esta pesquisa em andamento visa contribuir com o desenvolvimento dos estudos relacionados ao funcionalismo, proporcionando um novo olhar sobre alguns fatores pouco explorados nesta área. Oliveira (2007) propõe que o ensino da gramática considere o seu continuum, em que cada classe gramatical constitua traços dinamicamente organizados que não são partilhados igualmente por todos, Neves (2008) alerta para o fato de que a escola deve considerar a linguagem em funcionamento, o que implica em última análise, saber avaliar as relações entre as atividades de falar, ler e escrever, e Antunes (2010), mostra a importância de se manter um estudo flexível, aberto, amplo, que atinja o que é fundamental no uso da linguagem: sua função como meio de promover a interação entre as pessoas.

2. O ensino das orações hipotáticas adverbiais temporais com uma perspectiva funcionalista

Em uma perspectiva funcionalista da linguagem, estudar gramática é analisar e conduzir a uma reflexão acerca de seu uso no exercício da linguagem, pois, as pessoas utilizam a língua em diversas situações comunicativas para produzirem sentidos, as estruturas linguísticas expressam funções e cada função é um modo único de reprodução da significação.

A escola, que é uma instituição formadora de cidadãos críticos por meio do conhecimento sistematizado, deve apropriar-se de instrumentos que trabalhem, não apenas as habilidades de leitura e escrita, mas a reflexão dos conteúdos propostos, ideia que se coaduna ao aparato teórico funcionalista e aos Parâmetros Curriculares Nacionais, conhecimentos de língua portuguesa, doravante PCN- LP- (MEC, 1998, p. 32) doravante, segundo os quais “[...] espera-se que o estudante amplie o domínio do discurso nas diversas situações comunicativas, na qual proverá a participação efetiva no exercício da cidadania”.

Neste sentido, os pressupostos teóricos gramaticais que embasam o ensino não podem deixar de considerar a relevância comunicativa, a inter-relação das orações que

cumprem um papel na coesão e na organização discursiva, influenciada ainda pelas condições de produção que o locutor e interlocutor se encontram.

Existem questões de extrema importância em relação ao ensino da gramática nas escolas, como o fato de que não deve se restringir à prescrição de regras que resultam em uma taxonomia, mas estimular uma reflexão sobre a produção de sentidos e significados nos processos textuais e comunicativos de forma a relacionar a gramática abordada em sala de aula ao uso efetivo da língua nas situações reais de comunicação. Segundo Neves (2008), a estrutura considerada padrão, deve fazer parte do convívio das correntes atuais de ensino, observando-se também as variações no uso linguístico.

Ainda há muito presente na escola brasileira o ensino de língua proposto a partir do estudo de nomenclatura que contempla uma gramática estática, utilizando-se de frases soltas e descontextualizadas, sem repensar outros modos de concepção de língua como interação social movida por intenções do falante de acordo com as condições de produção. Neste sentido, Neves (2008, p. 323) argumenta que:

O que falta à escola - em todos os níveis, inclusive na universidade - é conseguir considerar a linguagem **em funcionamento**, o que implica, em última análise, saber avaliar as relações entre as atividades de falar, de ler e de escrever, todas elas práticas discursivas, todas elas usos da língua, nenhuma delas secundária em relação a qualquer outra, e cada uma delas particularmente configurada em cada espaço em que seja posta como objeto de reflexão (grifo do autor).

Cabe salientar que os aprendizes de língua materna já são possuidores de uma gramática, adquirida naturalmente no meio social do qual fazem parte. Desse modo, já carregam em suas bagagens conhecimentos linguísticos que funcionam efetivamente nas situações de comunicação em que esses estão habitualmente engajados.

O ensino de língua na escola deve não só considerar a variedade linguística do aprendiz, mas partir dessa para propiciar condições para a apropriação de outras variedades, em especial a padrão, no intuito de conscientizá-los da necessidade de adequar a linguagem às situações comunicativas nos diversos contextos sociais, uma vez que a organização interna das línguas é funcional, está a serviço das necessidades comunicativas.

Conforme Neves (2008), não se trata de deixar de trabalhar a gramática. A proposta é uma reflexão acerca do modo como ela vem sendo trabalhada na escola. É preciso optar por renovar o método de ensino de modo a se aproximar da realidade do educando, possibilitando uma aprendizagem significativa da organização linguística.

Assim, faz-se necessário uma abordagem de ensino de gramática a partir de uma perspectiva funcional, sem se desconsiderar por completo a norma padrão, uma vez que, a norma padrão é exigida em processos seletivos (vestibulares, concursos, etc.) e em ambientes acadêmicos e profissionais, e também é contemplada nessa abordagem.

Por isso, enfatiza-se neste trabalho, o estudo das orações hipotáticas adverbiais temporais, que fuja à Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), que propõe uma análise mecânica das orações, e a partir da qual os exemplos são apresentados como orações inventadas e de configuração prototípica, não contemplando um estudo integrado dos componentes sintáticos, semânticos e pragmáticos, e uma das consequências dessa opção é fazer que os alunos, por sua vez, criem resistência em compreendê-las.

Sacconi (2004, p. 290), define as orações subordinadas adverbiais temporais como sendo “[...] as orações iniciadas por: **quando, enquanto e logo que**, que exprimem o tempo em que ocorre o fato expresso na oração principal”. (grifo nosso). Já Infante (1996, p. 431) diz que essas orações “[...] exprimem fatos simultâneos, anteriores ou posteriores ao fato expresso na oração principal, localizando-o no tempo”.

Mas as ocorrências vão além das nomeações prototípicas da NGB, como exemplos justificáveis temos os classificados por Nicola & Infante (1997 citado por SILVA. et al. 2011, p.1281, grifo do autor).

(1) “*Sempre que ele vem, ocorrem problemas*”.

Em (1), a oração principal está expressando tempo e condição, não podendo ser classificada unicamente como temporal ou condicional. A expressão *Sempre que ele vem*, revela o tempo “sempre” e a condição é visível na mesma expressão indicando que essa condição de tempo é o fruto da ocorrência de problemas.

Outro exemplo de situação contrária em Infante (1996 citado por SILVA. et al. 2011, p. 1282, grifo do autor).

(2) *Se houver um planejamento apropriado, os bons resultados surgirão.*

No caso (2), pode também ter uma leitura temporal e condicional, na expressão *Se houver*, mostra que no momento em que o planejamento apropriado acontecer, a condição de bons resultados surgirão.

Iniciemos com o exemplo de Cereja e Magalhães (1999 citado por SILVA. Et al. 2011, p. 1282, grifo do autor).

(3) *À medida que se aproxima a hora do exame*, a tensão aumentava.

Em (3), a noção de temporalidade é visível na oração *À medida que se aproxima a hora do exame*, em função do tempo a proporção é estabelecida e então temos a oração proporcional no mesmo contexto, pois, a proporção dada para medir a tensão é guiada pela temporalidade de aproximação da hora do exame.

Em virtude disso, vimos que as orações, especificamente as hipotáticas adverbiais temporais, podem estabelecer várias interpretações ainda que rotuladas como temporais ou outro valor semântico em determinada frase, uma forma não tem uma só função, por isso surge à necessidade de propor um estudo bibliográfico funcional com objetivos didáticos que busque contemplar as várias situações comunicativas e os efeitos de sentidos produzidos por construções oracionais dessa natureza.

O professor precisa buscar formas eficazes de ensino a partir das propostas sócio-interacionistas de relações semânticas, a fim de tornar o ensino da Língua Portuguesa, especificamente das regras e construções gramaticais, mais estimulante e significativo. Nesse sentido, afirma Antunes (2010, p. 62):

O importante é manter o interesse por um estudo flexível, aberto, amplo, que atinja o que é fundamental no uso da linguagem: sua função como meio de promover a interação entre as pessoas para cumprimento das mais diferentes funções comunicativas. Esse interesse, uma vez ativado, nos torna capazes de ir descobrindo, de ir inventando e reinventando cada dia mais jeitos significativos de atuar com nossos alunos.

Como vimos, a autora nos mostra a importância de despertar o interesse do estudante por um ensino em que a gramática se torne mais significativa para quem a estuda, é preciso entender o funcionamento da língua no ato da fala, nos contextos de uso. A gramática que aprendemos no ensino básico deve ser usada de forma clara e consciente pelos seus falantes, e principalmente, espera-se que os usuários saibam como, porque e quando utilizarem as regras para se comunicarem.

3. Conclusões

Conforme muitos estudos descritivos têm mostrado, as categorias gramaticais não estão fixas numa única função ou classe, e este fato se dá pela utilização de diversos recursos linguísticos para garantir uma interação bem sucedida, em que falante e ouvinte, escritor e leitor se interajam com êxito.

Evidências indicam que o desenvolvimento de subordinação se deu pela coordenação, devido ao aumento da capacidade cognitiva do falante em querer se expressar melhor em função da complexidade sociocultural e linguística e sua dinamicidade. Diante disso, vimos que a língua está em constante movimento, como mostra Oliveira (2007), sendo assim, a necessidade de estudar a língua no ato de fala ganha proporções acerca das pesquisas científicas.

Segundo Neves (2010, p. 133), “O estudo das orações deve retirar exemplos utilizados em situações comunicativas reais, a fim de mostrar que o falante utiliza de suas estratégias retóricas de produção”. Como afirma Neves, a combinação de orações e a sinalização linguística dessas combinações têm base em estratégias retóricas de produção, isto é, a intencionalidade do falante é guiada a partir das condições de produção em que está inserido. A teoria funcionalista reconhece uma fluidez de zonas que perturbam as tradições categoriais rígidas, uma vez que está em função justamente das estratégias linguísticas de interações sociais que utilizam-se de uma língua dinâmica com propósitos comunicativos.

Na língua portuguesa, utilizamos exemplos em que é notória a dupla interpretação de tipos de orações no mesmo enunciado, o que nos faz entender que o estudo da gramática, especificamente das orações tratadas de forma prototípica, deixa de ter prioridade e dá lugar a um estudo em que o contexto é relevante e considera vários elementos de cada gênero textual da língua, obtendo assim, uma maior compreensão do funcionamento da linguagem visando à ampliação da competência comunicativa dos falantes.

4. Referências

ANTUNES, Irandé. *Análise de Textos: fundamentos e práticas*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MARCUSCHI, L.A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

MEC/SEF. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Línguas Portuguesa. Brasília: MEC, 1998.

NEVES, Maria Helena de Moura. Análise do uso de algumas palavras de relação. In: *Estudos Lingüísticos*. v. 1, p. 321-333, 1993.

_____. *Que gramática estudar na escola?* 3. ed. São Paulo, Contexto, 2008.

_____. *Ensino de língua e vivência de linguagem*. São Paulo: Contexto, 2010.

OLIVEIRA, M. R.; CEZARIO, M. M. PCN à luz do funcionalismo linguístico. In: *Linguagem & Ensino*, v.10, n.1, p. 87-108, jan./jun. 2007.

PAIVA, M.C. Empregos de 'porque' no discurso oral. In: *DELTA*, 11:1, p.27-39, 1995.

SACCONI, Luiz Antônio. *Nossa gramática contemporânea*. 1ed. São Paulo: Escala Educacional, 2004.

SILVA, S. T; MARTINS A. L. M. R. P.; OLIVEIRA P. I. A fluidez semântica das orações adverbiais nas gramáticas pedagógicas do português brasileiro. In: XV CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 5. 2011, Rio de Janeiro. *Anais...*Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. p. 1271- 1284)

SOUZA, M.S.C. Orações temporais e implicações lingüísticas. In: *Estudos Lingüísticos*, v. XXV, p.790-796, 1996.

_____. *Os limites entre coordenação e subordinação: uma aplicação às orações temporais*. Boletim da ABRALIN, n° 21, 1997. p. 282-292.